



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**DO BÊ-Á-BÁ À DOCÊNCIA E NOTAS SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO COM  
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA POTIGUARA NA BAÍA DA TRAIÇÃO/PB:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

**JÉSSICA VIANA MARQUES**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**FEVEREIRO/2023**

**DO BÊ-Á-BÁ À DOCÊNCIA E NOTAS SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO COM  
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA POTIGUARA NA BAÍA DA TRAIÇÃO/PB:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

JÉSSICA VIANA MARQUES

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. DR. IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE – PB

FEVEREIRO/2023

JÉSSICA VIANA MARQUES

**DO BÊ-Á-BÁ À DOCÊNCIA E NOTAS SOBRE O PROJETO PEDAGÓGICO COM  
EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA POTIGUARA NA BAÍA DA TRAIÇÃO/PB:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti De Oliveira  
Orientador (a)

---

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento  
Examinador (a)

---

Prof. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti  
Examinador (a)

## AGRADECIMENTOS

Quero dedicar este trabalho aos meus pais, Maria José e José Cláudio, que reconheceram a importância da educação tão cedo e sempre lutaram para que eu estivesse onde estou hoje. Lhes sou grata por tudo o que fizeram por mim. Reconheço suas lutas desde o dia em que nasci, e sou quem sou pois tive apoio incalculável durante toda a minha vida, e aqui provavelmente não estaria sem os mesmos incentivos e conselhos. Vocês fazem da minha vida mais leve e mais bonita.

Sou grata a duas pessoas que aqui já não se encontram mais, Ântonia Viana e Izabel Pereira, minhas grandes bisavós. Vocês partiram apenas nesse plano, mas vivem comigo diariamente, as vejo em todo lugar, são minha força e inspiração, e detentoras de uma sabedoria que escola nenhuma resguarda, e só quem teve o prazer de lhes conhecer, aprendeu. Sobre humildade, empatia e cuidado. Sei o quanto acreditaram em mim, e como estariam felizes em me ver passar por mais essa fase.

Sou grata ao restante de minha família, que esteve nessa jornada junto a mim, e sempre se mostraram tão orgulhosos com os caminhos que escolhi. Foi com tamanha alegria – e, por vezes, sem saber – que puseram-me de pé quando eu precisei. É também por vocês que estou aqui.

Sou grata a minha companheira, Maria Edilane, que leu e releu inúmeras vezes este trabalho, e pôde dividir minhas preocupações e ansiedade. Sem você, acredito que não teria conseguido. É por você também que eu me ergo e caminho. Gostaria de compartilhar não apenas um sigelo momento com você, mas uma vida inteira e mais um pouco.

Sou grata aos meus colegas de classe, pois sem eles a trajetória acadêmica não teria sido incrível. Eis: Ana Paula, João, Laerte, Mikaela e Mikaelly. E também aos que não foram citados, lhes sou grata. Os quatro anos de curso não seriam os mesmos sem nossas conversas na praça do BC, sem aquele café preto falando bobagem logo cedo, sem nossas reclamações e brincadeiras.

Sou grata também ao PET – Educação Conexão de Saberes, pelo acolhimento e aprendizagem, mesmo no pouco tempo que estive no programa, mas que fez toda diferença em minha formação acadêmica. À tutora Juciene Ricarte Apolinário, por ser uma inspiração como professora e como pessoa, por me fazer ansiar cada vez mais por essa bela profissão.

Também aos petianos e petianas, que em meio aos prazos, correria e produção, conseguimos desenvolver projetos espetaculares.

Sou grata ao meu orientador Iranilson Buriti de Oliveira, que teve a paciência de me acompanhar no desespero do final do curso. Sou grata aos demais docentes por tudo que aprendi durante a trajetória acadêmica, vocês fazem a diferença nesse lugar. Sou grata também à Universidade Federal de Campina Grande, por ter me proporcionado tanto nos últimos anos, foi sobre estar, ser e conhecer.

Por fim, quero agradecer muito humildemente a todos os professores que fizeram parte da minha jornada. Estou aqui também por vocês, e especificamente por conta de vocês, que em sala de aula inspiraram, mesmo sem saber, uma menina muito tímida, que quis também ser professora. E essa menina hoje lhes diz: gratidão.

## RESUMO

O presente trabalho se destina a relatar, por meio da escrita de si, inúmeras experiências com a educação, expondo encontros e desencontros frutos dessa relação, e reconhecendo sua capacidade (trans)formadora e caráter humanizador, tendo por base uma trajetória educacional pessoal, que percorre da pré-escola à docência. Ademais, busca destacar o desenvolvimento do projeto de formação educacional do povo Potiguara na escola Paulo Eufrásio Rodrigues em Baía da Traição, encabeçado pelo PET – Educação Conexão de Saberes, da Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba. Ressaltando, pois, como se deu a organização do projeto, com o desenvolvimento de jogos e atividades lúdicas dentro da temática Patrimônio Cultural, em especial, do jogo de tabuleiro “Caminhos Potiguara”. Para a efetivação deste relato, foi realizada uma abordagem de natureza qualitativa e uma pesquisa (auto)biográfica e bibliográfica para pensar e compreender-se, e também ao povo Potiguara. Como aporte teórico, para discutir educação e (auto)biografia foi utilizado Paulo Freire (2021) e Clementino de Souza (2011 & 2020); e para pensar patrimônio e povos indígenas Potiguara, foram utilizados Horta, Grunberg e Monteiro (1999) e Matheus Blach (2017). Destarte, friso a importância da escrita de si a partir do percurso autoral, e aponto, ademais, como o projeto pedagógico foi realizado satisfatoriamente, com uma abordagem sobre patrimônio material e imaterial, dando espaço para o conhecimento de perto da rica cultura e tradição indígena Potiguara.

**Palavras-chave:** Relato de experiência; Escrita de si; Potiguara; Educação; Patrimônio Cultural.

## ABSTRACT

This work aims to report, through self-writing, numerous experiences with education, exposing encounters and disagreements resulting from this relationship, and recognizing its transformative and humanizing capacity, based on a personal educational trajectory that goes from pre-school to teaching. In addition, it seeks to highlight the development of the educational formation project for the Potiguara people at the Paulo Eufrásio Rodrigues school in Baía da Traição, headed by PET - Education Connection of Knowledge, from the Federal University of Campina Grande, Paraíba. Emphasizing, therefore, how the project was organized, with the development of games and playful activities within the Cultural Heritage theme, especially the board game "Potiguara Paths". To make this report effective, a qualitative approach and a (auto)biographical and bibliographical research were carried out to think and understand oneself and also the Potiguara people. Paulo Freire (2021) and Clementino de Souza (2011 & 2020) were used as theoretical support to discuss education and (auto)biography, and Horta, Grunberg, and Monteiro (1999) and Matheus Blach (2017) were used to think about heritage and Potiguara indigenous peoples. Thus, I emphasize the importance of self-writing from the authorial path, and also point out how the pedagogical project was satisfactorily carried out, with an approach on material and immaterial heritage, giving space for a close knowledge of the rich culture and indigenous Potiguara tradition.

**Keywords:** Experience report; Self writing; Potiguar; Education; Cultural heritage.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Primeiros passos no "Caminho Alegre" .....	15
<b>Figura 2</b> - Jovens sereias Iara no CMJ .....	16
<b>Figura 3</b> - Coleção Fábulas de Esopo .....	17
<b>Figura 4</b> - O "Assisã" hoje.....	18
<b>Figura 5</b> - Atividades extraclasse no EBEP.....	20
<b>Figura 6</b> - Aula ministrada sobre Primeira Guerra Mundial.....	24
<b>Figura 7</b> - Tabuleiro "Caminhos Potiguara".....	29
<b>Figura 8</b> - Carta verde "Mãe D'Água" .....	30
<b>Figura 9</b> - Carta laranja "Armadilha" .....	31
<b>Figura 11</b> - Poema da professora Míriam Leitão.....	33
<b>Figura 12</b> - Mural com artes dos alunos da escola Paulo Eufrásio Rodrigues .....	34
<b>Figura 13</b> - Celebração do toré pelos alunos da escola Paulo Eufrásio Rodrigues .....	35
<b>Figura 14</b> - Palestra da Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário .....	36
<b>Figura 15</b> - Apresentação sobre "Caminhos Potiguara".....	37
<b>Figura 16</b> - "Caminhos Potiguara" na prática.....	38
<b>Figura 17</b> - Celebração do Toré.....	39



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – DOS CAMINHOS: ENTRE BECOS E BIRÔS.....</b>	<b>14</b>
<b>Anos iniciais até o Fundamental II.....</b>	<b>14</b>
<b>Ensino Médio e transformações.....</b>	<b>19</b>
<b>Academia e docência: aprendendo a ensinar .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DOS INDÍGENAS POTIGUARA NA ALDEIA SÃO MIGUEL: ENCONTROS, JOGOS E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>Ingressão no PET - Educação e projetos .....</b>	<b>26</b>
<b>Trilhando por “Caminhos Potiguara” .....</b>	<b>27</b>
<b>A viagem à Aldeia São Miguel: patrimônio, experiências e aprendizagem.....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

A partir de novos olhares e oportunidades, em conjunto com a vivência de experiências transformadoras, refleti *a priori* sobre a escolha da temática deste trabalho. Traçando caminhos diversos e revisitando memórias, encontrei em minha própria trajetória educacional um ponto de partida, na minha relação com a educação uma necessidade de dialogar, e por conseguinte, deparar com o esperar ou a pedagogia da esperança. Portanto, optei por um relato de experiência, no qual poderia melhor explorar emoções, pensamentos e aprendizados, permitindo uma escrita mais rica e autêntica, e demonstrando também a importância de as documentar e de se inserir dentro do texto.

É do potencial e possibilidades que exalam de uma sala de aula, que traço uma trajetória cronológica que inicia aos 2 anos de idade na pré-escola “Caminho Alegre” e tem como ponto de chegada o desenvolvimento do projeto pedagógico com educação escolar indígena Potiguara, abordado no Capítulo 2. Nesse sentido, no primeiro capítulo é ressaltado os anos iniciais com Fundamental I e II, em seguida a experiência com o Ensino Médio, posteriormente com a universidade e, finalmente, com a prática docente. Para tanto, o trabalho é de natureza qualitativa, utilizo de fotografias e descrições que auxiliam na construção da narrativa, ao versar sobre educação e adaptação, a construção de significados e o contato com a educação bancária, discutidos mediante os estudos de Freire (2021).

Destarte, recorro à escrita de si, ou dos muitos eus, para relatar as transformações da educação em minha vida, inserindo-me dentro do texto, como autora, como discente, como docente, como gente. Visto que escrever sobre si é também uma forma de se reencontrar, de se pôr em evidência, de dar sentido à vida e a si mesmo, discorro sobre um percurso (auto)biográfico baseado no pensamento de Clementino de Souza (2011 & 2020), que aponta que a produção do conhecimento de si é uma autotransformação; pois, autotransformando-me, escrevo, vivo.

Exploro, ademais, os estudos de Silvio Gallo (2002 & 2008) e Durval Albuquerque Júnior (2010) ao ressaltar sobre os inúmeros encontros e desencontros que tive com a educação ao longo dos anos, e, finalmente, o retorno à sala de aula, que trouxe um sentimento primeiro de vontade, de certeza, de conforto. Um reencontro com o local que não sai de nós e, por isso, também um retorno a nós mesmos, como alunos, como professores. É possível estar detrás do birô – desse lugar tão estratégico –, e formar e ser formado, conhecer, dialogar,

escutar, propor e mudar, em uma relação recíproca mediada pela educação.

O Capítulo 2 aborda a motivação primeira para a escrita deste trabalho, portanto, frisa sobre o meu ingresso no PET - Educação, as propostas do programa para 2022 com a formação do povo Potiguara, o desenvolvimento do jogo “Caminhos Potiguara” e, finalmente, a experiência com a viagem à Baía da Traição/PB, particularmente à aldeia São Miguel. Desse modo, é necessário, a princípio, refletir sobre a trajetória indígena e a luta constante por direitos.

A história indígena no Brasil nasce de um curso de resistências secular contra a ferramenta colonial, que por sua mão opressora cerceou culturas, linguagens, religiosidades e etnias inteiras, processo que foi longamente – e atualmente – aprimorado pela necropolítica e pelo descaso. O indígena que supera o fatídico ano de 1500, junto a tradições que tomaram vigor ao longo dos tempos, se reinventa hoje sob uma base de resistência contra uma mão opressora mais sofisticada, porém, herdeira da mesma tendenciosidade.

A luta dos povos originários por direitos básicos não findou. Já na década de 1970 os movimentos de organização indígenas reivindicavam uma educação escolar indígena, intercultural, bilíngue e diferenciada, em divergência com a então proposta colonizadora e eurocêntrica para a educação (LUCIANO, 2007, p. 5). Projeto este que seria acatado apenas duas décadas seguintes, com a Constituição Federal (CF) de 1988, que “superou de forma definitiva a concepção absolutamente equivocada da incapacidade indígena que fundamentou o princípio jurídico da Tutela” (Ibidem). A educação diferenciada é uma grande conquista que reconhece nossa sociedade enquanto pluriétnica.

É a educação patrimonial, portanto, indispensável a se trabalhar quando se tem por temática a educação indígena, pois tece suas bases no que concerne o fortalecimento do povo e sua cultura, em prol da valorização de suas identidades étnicas. Diante dessa visão que construímos conceitos como memória, identidade cultural e étnica, culturalidade, ancestralidade, multidiversidade e, sobretudo, a preservação, dentre outros temas. Visando a luta indígena e tais perspectivas para compreender sua história, o PET (Programa de Educação Tutorial) - Educação – Conexão de Saberes da Universidade Federal de Campina Grande (UFPG), Paraíba, sob tutoria da Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário, vem desenvolvendo projetos que têm como foco justamente o estudo de tradições e culturas, a citar, do povo indígena Potiguara, que mantém vínculo com a instituição.

Os Potiguara, antigo povo guerreiro que reside no litoral paraibano desde a invasão colonial, fincaram suas raízes fortes sob a terra e nela permanecem desde então, fruto de uma série de resistências que principiou entre 1501 e 1505 com a chegada dos portugueses a Baía da Traição/PB. Além de possuírem diversas e respeitáveis tradições, culturas e ancestralidade presentes, e passarem por um processo longo de transformações desde o período colonial, de perdas e restaurações; ainda é pouco para defini-los, e também eu não posso definir propriamente o que é ser Potiguara. Pois, me empresto da abordagem de Batista, Conceição e Pereira (2021, p. 10):

Ser potiguara hoje não significa ser igual aos seus antepassados, senão perceber-se como herdeiro da cultura e da luta dos seus antepassados, compartilhar um modo e uma visão de vida própria entre os seus parentes Potiguaras (identidade = o que nos une), e diferente do modo e da visão de vida da sociedade dominante (alteridade = o que nos diferencia).

Claramente os Potiguara não são apenas isso, mas ainda assim, são *tudo isso*. No decurso deste trabalho, compreenderemos parte da vastidão dos Potiguara a partir de um projeto que foi organizado pelo PET - Educação no ano de 2022, para se trabalhar com patrimônio cultural e educação indígena, por conseguinte, foram confeccionados jogos e atividades lúdicas para a utilização nas salas de aula indígenas Potiguara. Com auxílio de Juciene Apolinário, do PET e da universidade, pudemos viajar e concretizar esse projeto.

Este relato busca também descrever e refletir sobre a viagem à aldeia São Miguel em Baía da Traição/PB ocorrida em outubro de 2022, com o intuito de participar de um curso de formação dado aos professores indígenas Potiguara. Para tanto, resalto como sucedeu as preparações para o evento, o desenvolvimento dos jogos e, enfim, os três dias de viagem, que resultou em grande enriquecimento tanto acadêmico quanto pessoal. A escolha dessa temática parte também desse engrandecimento enquanto indivíduo, do contato com esse outro que no texto parece tão distante, mas que se mostra tão aprazível, acolhedor e profundamente humano.

Nomeado de “Caminhos Potiguara”, e essencial para entender parte do propósito da viagem, o jogo de tabuleiro desenvolvido por mim e meu colega e petiano Magdiel Toscano de Azevedo, também é um ponto principal neste trabalho, visto que reconhece a importância do lúdico em sala de aula, dá espaço pro estudo da cultura e cosmologia Potiguara, e entra nos conceitos da educação patrimonial. É o uso desse tipo de ferramenta que rompe com o ensino bancário abordado por Paulo Freire (2021), fundamentado em práticas mecanizadas e vazias de significados, longe o bastante da concepção de educação libertadora. O jogo de tabuleiro,

como detalhado no Capítulo 2, é uma alternativa capaz de despertar o interesse do alunado e contribuir para a formação de estratégias e desenvolvimento da criatividade, promovendo, ademais, o divertimento e a aprendizagem. Em contrapartida, não dispensa a aula do docente, que é necessária para a compreensão do jogo, e vice-versa.

Fruto de meses de estudos e encontros com o PET - Educação sob orientação da tutora, outros jogos também foram desenvolvidos com o mesmo intuito: alternativas dentro do processo ensino-aprendizagem correlacionados aos conceitos de Patrimônio Cultural material e imaterial. Ao longo do texto, destaco a relação entre o jogo e a cultura Potiguara, exemplificando sua jogabilidade e mostrando diversas imagens para apresentá-lo ao leitor, bem como a experiência dos próprios Potiguara com o jogo.

Em seguida, relato os três dias de viagem, 07, 08 e 09 de outubro de 2022, os dois primeiros reservados ao curso propriamente, e o último sucintamente descrito sobre os últimos momentos no litoral paraibano. Ainda mais, a celebração do toré, palestras, conversações, apresentações e descrições do local. Todo o patrimônio indígena Potiguara se via onde os olhos alcançavam e também onde não conseguiam alcançar, nos rios, nas gentes, na culinária, nas ruas, nas ruínas, no passado e no presente, etc., pois:

[...] não são somente aqueles bens que se herdam dos nossos antepassados. São também os que se produzem no presente como expressão de cada geração, nosso “Patrimônio Vivo”: artesanatos, utilização de plantas como alimentos e remédios, formas de trabalhar, plantar, cultivar e colher, pescar, construir moradias, meios de transporte, culinária, folguedos, expressões artísticas e religiosas, jogos e oralidades etc. (GRUNBERG, 2007, p. 4)

Recorro também às imagens para ilustrar parte da experiência e rememorar o que ela foi, como as fotos dos alunos da Escola Paulo Eufrásio Rodrigues, a apresentação de “Caminhos Potiguara” e demais palestras, o uso do jogo pelos professores Potiguara e também a celebração do toré. Foi um projeto muito especial que esteve intensamente intrincado com a identidade, o patrimônio, a valorização, o reconhecimento e, sobretudo, com a memória de um povo que já é extremamente rico em cultura e diversidade.

Foi imersa nesses conceitos, encontros e aprendizagens, que muito experienciei com o povo Potiguara, muito do que transcende os textos e documentos, e resta somente a memória, a cultura e a tradição vivas e presentes. O patrimônio cultural, territorial, material e imaterial, que percebem a responsabilidade pela preservação, pela resignificação.

## CAPÍTULO 1 – DOS CAMINHOS: ENTRE BECOS E BIRÔS

### Anos iniciais até o Fundamental II

É um desafio a narrativa autobiográfica, explorar-se com olhares para fora e para dentro, redigir-se. Contudo, como toda narrativa é uma auto narrativa, falar de si passa a ser um acalento e, de certa forma, um conforto ao mesmo tempo desconfortante, um buscar e agarrar-se. E tendo isso em vista encontrei na escola um primeiro caminho para dirigir este trabalho, pois se aqui escrevo, devo à instituição, dos rabiscos aos textos, das primeiras sílabas à leitura e sua compreensão, da formação. Nutri, portanto, o desejo de jamais largá-la, de crer, retornar e permanecer nela, como discente ou docente, e sobretudo, como gente. Desse modo, é importante refletir a princípio sobre a pesquisa (auto)biográfica e seus impactos e relações com o eu e com o outro:

La creciente utilización de la investigación (auto)biográfica y de las narrativas en educación busca evidenciar y profundizar representaciones sobre las experiencias educativas y escolares de los sujetos (Serrano y Ramos, 2017, 2014; Contreras 2016; Suárez, 2016, 2015; Huberman, 2005), así como potencializa comprender diferentes mecanismos y procesos históricos relativos a la educación en sus diferentes tiempos. Al mismo tiempo, las biografías educativas permiten adentrarse en un campo subjetivo y concreto – a través del texto narrativo – de las representaciones de los diferentes sujetos y actores sociales al otorgar diversos significados a las relaciones consigo mismo, con los otros y con el mundo. (SOUZA, 2020, p. 21)

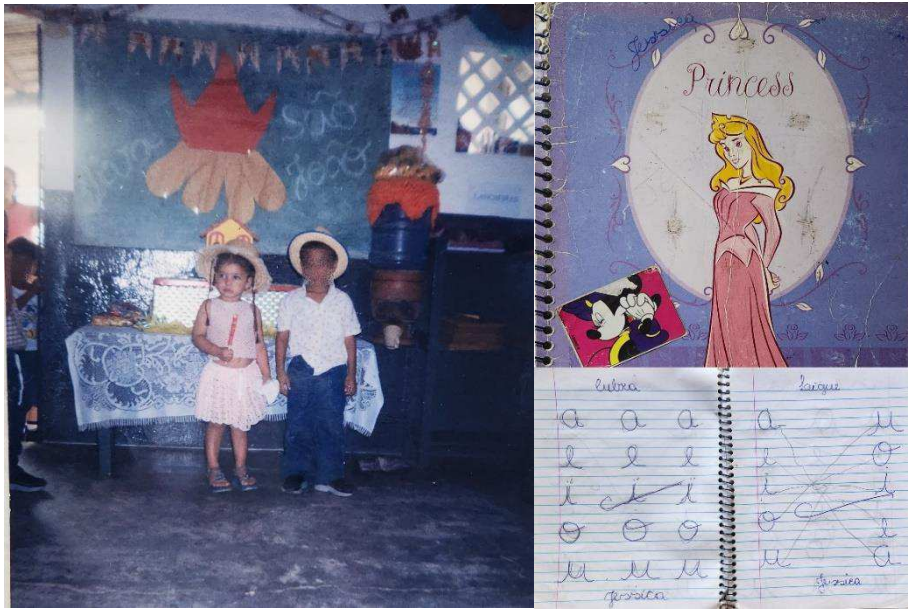
Nesse sentido, em vista da construção do conhecimento de si, refleti *a priori* sobre o que tenho a falar sobre mim, e descobri em minha trajetória escolar um percurso imerso em sentimentalidades, encontros e desencontros, saberes. Me chamo Jéssica Viana Marques, nasci em 13 de setembro do ano 2000, e moro na região metropolitana de Queimadas/PB. Meus pais, Maria José Viana da Silva e José Cláudio Marques da Silva, foram pais jovens, mas reconheciam a importância da educação e garantiram que eu a tivesse na melhor qualidade em meio a grandes incentivos e a muitas dificuldades.

Aos 2 anos de idade, ingressei na pequena e antiga pré-escola Caminho Alegre<sup>1</sup> em Queimadas/PB, na qual eu ia chorando, cumpria o horário gritando e retornava em prantos agarrada às pernas de minha mãe. O ambiente consistia em um pequeno ambiente muito decorado e colorido com cartazes, chão em cimento, meia parede pintada em branco e cinza, e com um quadro negro ao centro, acompanhado de uma inscrição ao lado em papel ofício com o nome “lancheiras”, indicando o local onde colocá-las. Pouco me lembro desse período inicial, mas com a ajuda de fotografias consigo resgatar memórias dispersas; e ainda possuo

<sup>1</sup> A instituição não mais existe, e não há registros *online* com imagens ou informações sobre esta.

um velho caderno para cobrir e ligar vogais que utilizava à época, e que preservo como símbolo primordial do início de minha relação com a educação e também da construção desta história. Abaixo, à esquerda, fotografia no interior da pré-escola escola Caminho Alegre durante o festejo de São João, me encontro à esquerda; ao lado, o caderno mencionado.

**Figura 1** - Primeiros passos no "Caminho Alegre"



Fonte: acervo pessoal da autora

Do a-e-i-o-u ao bê-a-bá, começo os anos iniciais na escola privada Colégio Menino Jesus (CMJ), e na qual estive até o 4º ano. Como morava na zona rural, deslocava-me diariamente com minha mãe no ônibus escolar, ela me deixava em frente à escola e ia também estudar. Os dois primeiros anos de alfabetização foram constituídos de adaptação, incentivo e iniciação às artes e à leitura, partindo posteriormente a uma educação base de ensino-aprendizagem do 1º ao 4º ano. Recordo do quão suja eu retornava para casa, fruto das cantorias e brincadeiras no recreio e dentro de sala de aula; em decorrência disso, rasgava constantemente meu fardamento, que já havia sido remendado inúmeras vezes, e eventualmente precisava ser trocado no decorrer do ano.

Fadada ao ato de remendar, ia alegremente para o colégio, acordava logo cedo e caminhava cerca de 10 minutos até o ponto de ônibus, acompanhada primeiramente de minha mãe, e depois de minha tia, que estudava no mesmo local. Quando chegava a Queimadas, caminhava mais um pouco até o prédio, e retornava às 11 horas ao sítio onde morava no mesmo ônibus, mas agora reclamando do sol e da caminhada, questionando o motivo pelo qual haviam construído uma casa tão distante. Em dias de chuva, ia menos alegre do que de

costume, com uma capa de chuva e sacolas nos pés para proteger o tênis da lama, esta na qual eu ia me equilibrando cuidadosamente.

O CMJ me proporcionou uma série de recordações, dentre elas, os eventos extracurriculares, como São João, Carnaval, Feira de Ciências, 7 de setembro, etc. Diante disso que surgiam as coreografias, fantasias, músicas, desenhos, cartinhas, apresentações e desfiles, como ilustrado na Figura 2, em que estou à esquerda junto a duas meninas, todas fantasiadas de sereia Iara, em um evento promovido pela escola e dedicado ao folclore nacional.

**Figura 2** - Jovens sereias Iara no CMJ



Fonte: acervo pessoal da autora

A escola ajudou, ademais, na construção da minha percepção e entendimento do outro como tal, pois havia um cuidado especial, não somente com o ensino, mas também com o indivíduo ensinado. Consequência disso era a minha vontade de ir à escola, de me dedicar às atividades, de conhecer e aprender.

Foi no CMJ que comecei a ler e desenvolver gosto pelos estudos, chegava em casa ansiando fazer as atividades antes mesmo de fazer a refeição, e durante as férias, já próximo do início das aulas, abria o livro didático desesperadamente pensando que havia esquecido do que aprendi ao longo do ano anterior. Também nesse período, colecionei livretos, como Fábulas de Esopo (Figura 3) e histórias infantis clássicas, além de gibis – e até histórias em quadrinhos de medicamentos genéricos ou outros promovidos por empresas de sandálias –, que lia e relia incessantemente, e que tanto me orgulhava por não somente decifrar as



imagens, mas agora também os textos, ainda que fosse a milésima leitura do mesmo livro na mesma tarde. Conservo inúmeras lembranças desses primeiros anos: um eu leitor, produções artísticas, aulas de inglês, amigos, brincadeiras, eventos.

Figura 3 - Coleção Fábulas de Esopo



Fonte: acervo pessoal da autora

Embora sem ter total consciência, tive a educação como a mais importante e transformadora em minha formação inicial, guardava atividades em envelopes como a quem guardava um tesouro, e me negava a me desfazer delas, pois cria que o conhecimento estava naqueles papéis, e os revisitava com certa frequência. No 5º ano fui transferida para a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Professor José Miranda, em que a princípio senti-me frustrada e um tanto tristonha por ter deixado meus amigos no CMJ, mas logo adaptei-me ao novo ambiente. O professor Manoel Messias – que eu viria a encontrar anos depois – ministrou aulas durante todo o ano, das quais pouco me recordo, a não ser das orações que precisávamos fazer todos os dias ao início das aulas. Mas ressalto o início de novas preocupações, por exemplo, com a organização de um fichário rosa que eu possuía, com a caligrafia, com interpretação de textos e atividades mais complexas.

Seguidamente, durante o Fundamental II estive na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Assis Maciel Lopes, o “Assisão” (Figura 4), atual EMEF Antônio Vital do Rêgo, ou “Vitalzão” – contudo, o novo apelido pouco foi utilizado, visto que a população queimadense relembra a instituição sempre pelo antigo nome. Uma outra realidade em comparação com as escolas anteriores, pois agora se tinha vários professores, diversas disciplinas e muita ansiedade. Conforme os anos iam passando, o que antes era novidade tornou-se corriqueiro. Fiz amigos, exibi um boletim azul e alimentei certo desinteresse pela disciplina de história que perdurou até o 9º ano, pois cria no tempo linear e no passado estático. Tudo o que era considerado “velho” para mim, logo tornava-se desimportante: gentes, fatos, artes, histórias.

**Figura 4** - O “Assisã” hoje



Fonte: acervo pessoal da autora

Infelizmente, grande parte do corpo docente da instituição operava sob a concepção bancária da educação, que segundo Paulo Freire (2021) consiste em enxergar os estudantes enquanto passivos no que concerne o ensino-aprendizagem, utilizando-se da memorização mecânica e transformando-os em meros depósitos de conteúdos não dialogados e verticalizados, tornando o professor ser ativo e detentor de todo o conhecimento. Ainda mais, define a educação bancária:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, suprema inquietação desta educação. (FREIRE, 2021, p. 79)

Diante disso, tive somente experiências à época com docentes, especificamente de história, que atuavam conforme tal concepção; se utilizavam exaustivamente de textos prontos, e também exaustivamente escreviam e escreviam. Lembro-me de copiar repetindo as mesmas palavras ou frases, o que demonstra o quão distante eu estava nessas aulas, me desconstruindo constantemente. O que contribuiu, de fato, para que eu enxergasse a história enquanto oca, e para me afastar paulatinamente de temáticas relacionadas, e me aproximar de outros docentes – e suas disciplinas – que me inspiravam ou que apenas possuísem uma didática diferente, que refletisse, que reinventasse, que deformasse.

Os professores do “Assisã” do período em questão, majoritariamente, eram indivíduos que formavam (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010, p. 09), e em vista disso o ensino se tornou uma aversão, e a escola, um ambiente desagradável, abrindo portas para a evasão escolar e a rebeldia desvairada, sem lugar. A partir desses primeiros desinteresses,

outros foram crescendo, e o boletim azul que antes eu exibia orgulhosamente, foi ficando cada vez mais vermelho. Crescer foi doloroso em suas muitas formas. Até o 8º ano não me lembro de nutrir valor à escola, fiz o necessário para não reprovar, mas ainda prestando algumas finais e avermelhando outras notas.

Todavia, foi também no corrente ano, 2013, que adquiri meu primeiro livro e iniciei a passos curtos e lentos minha vida como leitora. E finalmente, no 9º ano tentei recompensar os anos passados e me dedicar a restaurar um pouco daquele antigo e quase esquecido “gosto” pelos estudos. Agora, observando-me de longe, tanto tempo quanto espacialmente, reconheço os encontros e desencontros que tive com a educação, e ainda que eu a buscase intermitentemente fora da escola, é o “gosto” – pois a educação também tem sabor – da escola inconfundível, que se sente na ponta dos dedos e no meio da boca, no estalar da língua, nos pátios ou nas salas, na biblioteca ou na cantina, vendo-a de longe ou estando sentada a uma carteira ou atrás do birô.

### **Ensino Médio e transformações**

Aprender é um exercício individual-coletivo, um ato revolucionário que nasce do desejo de conhecimento de si e do outro, e das coisas, parte do processo de alteridade, da curiosidade, do questionamento. Para tanto, é necessário então que a sala de aula seja *a priori* um ambiente que acolha, que deforme e um local excepcional de encontros, pois:

Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2008, p. 1)

Ao final de 2014, fiz uma seleção para ingressar no EBEP (Educação Básica e Educação Profissional), antigo SESI (Serviço Social da Indústria) e atual Escola SESI, em Campina Grande/PB, em que consegui uma bolsa e concluí o Ensino Médio. Deslocava-me todos os dias de transporte público com colegas de minha cidade, e retornava apenas à noite para casa.

Além de todas as novas mudanças, foi a escola que apesar de ter uma má administração, moldou a forma como eu costumava enxergar o espaço, o indivíduo, a política, a educação e, especialmente, a história. Com um corpo de professores inspirador que exercia uma docência mais próxima e presente, me vi novamente imersa no meio educacional.

Professores ímpares que foram o espelho para muitos que compartilharam dessa mesma trajetória, e mediante essa nova experiência em sala de aula, não nos tornamos uma multiplicidade que se singulariza (GALLO, 2002), mas uma singularidade que se multiplica.

Ante novas frustrações, logo enxerguei as consequências do descaso com que havia tratado a minha educação nos últimos anos, e a partir das primeiras avaliações chorei amarguradamente, sentindo-me incapaz. Novas adaptações que foram imensamente angustiantes, porém necessárias, que me fizeram compreender o papel da educação. No EBEP fiz amigos que conservo até hoje, encontrei professores que lembro com carinho, e aprendi, sobretudo, sobre mim. Foi essa escola que me fez compreender o que é escola, porquê estar na escola e o motivo de querer sempre a ela retornar.

Conciliando uma adolescência deveras tranquila, por tempos melancólica, mas memorável, em que mais da metade foi vivida dentro de um colégio, me encontrei novamente com aquele gosto que há muito não sentia. No primeiro ano, 2015, haviam as aulas pela manhã e o contraturno à tarde, com algumas oficinas, aulas de redação, robótica, etc., e também grupos de leitura extraclasse. Nos anos seguintes, 2016 e 2017, deu-se início ao curso técnico no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), que fazia parte do programa; então, pela manhã havia o curso e à tarde as aulas.

**Figura 5** - Atividades extraclasse no EBEP



Fonte: acervo pessoal da autora

Os docentes eventualmente traziam atividades que fugiam das aulas expositivas e aguçavam a nossa criatividade, ponto imprescindível para o desenvolvimento e engajamento com as disciplinas. Recordo claramente de algumas obras artísticas, esculturas em barra de

sabão, debates, gincanas, histórias em quadrinhos autorais, músicas sobre fotossíntese e Revolução Francesa, experimentos, colagens, poesias, dentre tantos outros. E fora de sala de aula, mas ainda na escola e seus arredores, lembro de inúmeras discussões pelos corredores, nas arquibancadas, de curiosidades, (auto)descobrimientos, maldizeres.

Grande maioria dos professores do EBEP em muito marcaram minha caminhada educacional, conseguiram me fazer ver de uma perspectiva na qual eu desconhecia, e desejar uma profissão que pouco me instigava. Em especial, a então professora de história Raíssa Costa me fez compreender, decerto, através de concepções críticas, políticas e iminentemente históricas, o passado e o presente para além da linearidade na qual eu costumava tratar. E despertar, finalmente, o meu interesse, mesclado com a curiosidade por outras disciplinas, como as sensibilidades da literatura e das artes, a criticidade da filosofia e sociologia. Mas foi a história que havia me deformado completamente.

O desinteresse que antes eu alimentara por anos a fio, agora nutria em completa vontade e entusiasmo. Dentro e fora de sala de aula que se reservavam os debates, a liberdade, as brincadeiras, os diálogos, onde se construía as possibilidades. Essa “nova” educação que a mim se mostrou em sua diversidade e capacidade revolucionária ajudou a quebrar antigos axiomas e colocar-me com um olhar para fora e para dentro, em que pude aprender o que é aprender, sentir o que é aprender, viver o que é aprender.

Através desse relacionamento com a história e com as demais Ciências Humanas, pude direcionar essas vontades, que por meio de uma nova visão para com a educação e para com o outro, pude então buscar aprender a/sentir/viver o que é ensinar. Pois, em 2018, após tamanha transformação, ingressei no curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

### **Academia e docência: aprendendo a ensinar**

Enfim as ruas ora acaloradas ora vazias da universidade. Os primeiros anos de curso foram para quebrar eventuais expectativas e adaptar-me ao meio acadêmico, além de buscar em constância o meu lugar na educação e compreender meu papel enquanto docente. Nessa nova realidade, lidando com professores profetas, militantes, que inspiraram ou hostilizaram, foi-se construindo novas perspectivas e edificando conhecimentos, tanto por meio do diálogo acadêmico quanto pelo bate-papo na praça de humanidades. A universidade é um local de mudanças e crescimento, onde amadureci ideias, conheci, vivi, experimentei, presenciei.

Chegava ao campus duas horas antes do início das aulas, isso devido ao horário do ônibus escolar. Portanto, sobrava tempo para observar o dia começar, as pessoas chegarem, e desenvolver inúmeras conversas na praça de humanidades, com amigos ou completos desconhecidos – essa é uma das muitas possibilidades que a universidade resguarda, a de conhecer gentes e vivências em singularidade e diversidade. Esse período pré-aula por vezes tornava-se mais interessante que algumas aulas por si só, que sempre me deixavam inquieta desejando a todo instante que o relógio pudesse avançar ignorando os contratempos da física. Enquanto em outras, queria permanecer cada vez mais em sala, ignorando, dessa vez, o próprio relógio.

Uma rotina de leitura proporcionada pelo curso culminou, portanto, no desenvolvimento daquele eu leitor ainda embrionário, mencionado anteriormente. Visto que a leitura é formativa, e já vinha me formando desde o contato primeiro com as Fábulas de Esopo, carregou comigo agora outros textos que foram igualmente transformadores e memoráveis, sobre orientalismo, a questão do outro, o processo civilizatório, o ofício do historiador, dentre tantos outros. A construção de diálogos dentro e fora de sala de aula, coletiva ou individualmente, resultou em, de fato, reconhecer a capacidade deformadora da educação. Após alguns meses de curso e mediante muitas dúvidas, tive a certeza de que estava no caminho ao qual havia escolhido a princípio, encontrando-me, dependurando-me, atravessando-me, transformando-me. A universidade trouxe-me responsabilidades que auxiliaram justamente na (de)formação da figura do docente, do discente, da educação.

Embora conserve boas memórias, também restava a competição, a injustiça, a hipocrisia e o ar de superioridade que carregavam muitos indivíduos, discentes ou docentes. Estes, pouco (ou nada) ajudaram em minha formação, a não ser para representar o papel de docente – ou mesmo de indivíduo – ao qual eu não deveria seguir. Professores que exerciam a pedagogia da arrogância, do descaso, do desrespeito, do desprezo; alunos que seguiam esses passos. Faz parte também da universidade entrar em contato com o indesejável, e em resposta, escolher o caminho oposto. Por outro lado, tive o prazer de conhecer indivíduos excepcionais, que ensinavam e viviam apaixonadamente, e me enchia os olhos fazer parte de uma história que é revolucionária e humanizadora, em saber, aliás, que os homens fazem e são história (FREIRE, op. cit., p. 175)

Tive a oportunidade de ingressar no PET - Educação – Conexão de Saberes, UFCG, sob tutoria da Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário, onde pude experienciar novas visões

dentro da própria academia com as atividades de extensão. Os encontros esporádicos com discussões em sala de aula virtual – devido ao período pandêmico –, formação de projetos e eventos, trabalhos científicos, etc., resultaram no evento do qual este presente trabalho se destina a abordar no Capítulo 2, tratando-o, então, como o ponto de chegada (contudo, não o ponto final) nessa jornada educacional. Nesse sentido, devo ao PET e aos petianos grande parte do meu desenvolvimento enquanto acadêmica e, não menos importante, enquanto professora.

Destarte, já na reta final desse percurso e após a experiência com a prática docente, vejo-me como ansiava a princípio: esperançosa. Dentre primeiras frustrações e baixo rendimento, a academia me propiciou expandir, muitas vezes em sua pluralidade e contradição, velhas e estreitas visões de mundo que eu possuía, enxergar alguém do que eu havia aprendido na escola e superar então superficialidades. Identificar o papel da educação e do docente reverberou grandemente em minha formação, o que me fez entender tão somente o que é a escola e me encontrar nesses entremeios, mas não imediatamente reconhecer-me enquanto docente.

Tive a felicidade de poder voltar e realizar o estágio no “Assisã”, que já fazia parte da minha trajetória, e que embora tivesse passado por reformas, conservava a estrutura tradicional da qual eu bem me recordava. Ainda que o local fosse em muito familiar, não me impediu de sentir uma espécie de ansiedade nostálgica em (re)encontrá-lo e estar novamente em sala. Diante de uma excelente recepção, estive na turma de 9º ano E, composta por 26 alunos, com faixa etária de 14 a 17 anos e gostos e viveres diversos; em sua maioria, de classe média baixa e classe baixa, e com uma variedade enorme nas questões cultural, educacional e religiosa. Dialogamos com três temas norteadores durante as 08 aulas ministradas: “Movimentos sociais: negros, indígenas e mulheres”, “Primeira Guerra Mundial” e “Revolução Russa”.

Pude levar livros e discutir alguns trechos, propondo dialogar esses saberes com a turma, e tentar construir a ponte dos estudantes com os livros, já que grande parte deles tinham contato somente com o material didático. Discutimos sobre fome, escravidão, racismo, feminismo, representatividade, revolução, burguesia, conservadorismo, política, guerras, etc. Nesse ínterim, acho pertinente abordar, ademais, o encontro que tive em uma das aulas com o supracitado professor Manoel Messias, que coincidentemente apareceu à porta para comunicar com a professora regente e ficou tão surpreso quanto eu ao reencontrarmos-nos

depois de mais de uma década. Logo veio felicitar-me por estar novamente na instituição e tomou rapidamente a fala, dirigindo-se à turma e salientando a importância do papel do professor na vida do outro, da importância da educação e como estava orgulhoso por me ver agora naquela posição. Retornei radiante para casa.

Apenas a prática docente trouxe o primeiro nome que antecede o meu próprio, e que possui uma carga sobretudo simbólica: professora. Estar em sala de aula contribuiu de maneira excepcional para que eu pudesse compreender o que fazer e o que não fazer, quem ser e quem não ser, para entender a turma em seu coletivo e também em sua individualidade, para contornar, ainda, o meu próprio perfil diante dos estudantes, e dimensionar o caráter humanizador da prática em si, pois ser professor ou estudante nada mais é que ser humano, que humanizar, que esperar. E estar em sala de aula trouxe-me, especialmente, a vontade de reinventar, de dialogar, de mudar, de propor, de conhecer. É sobre estar detrás do birô e enxergar as potencialidades transformadoras do indivíduo humano.

**Figura 6** - Aula ministrada sobre Primeira Guerra Mundial



Fonte: acervo pessoal da autora

Em vista disso, após a experiência com a prática de ensino, pude entender e reencontrar com o motivo pelo qual havia escolhido tal profissão, buscando em meu passado os frutos da educação em minha própria vida, refletidos no papel dos docentes que em muito me deformaram. Pude também espelhar e reinventar-me, repensando outras práticas pedagógicas e refletindo uma pedagogia libertadora, como propunha Freire. As primeiras experiências em sala de aula foram, por excelência, engrandecedoras no quesito escuta, compreensão e empatia.



Tendo reconhecido e reencontrado frequentemente com esses motivos, e entendendo a educação em suas muitas formas, fui capaz de romper com um antigo pensamento que via na figura do docente o protagonista da educação. Não obstante, é o protagonista o discente, a educação é sobre o aluno e sem o aluno não há o professor. Pois “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo” (FREIRE, 2021, p. 63), são esses indivíduos carregados de vivências que proporcionam à escola os encontros de multiplicidades e singularidades.

Ante essa trajetória, a escola se mostrou a mim em sua essência, enquanto formadora e deformadora; reconhecendo-a também como o ambiente de encontros indispensável no processo formador do indivíduo. Nesse sentido, crer na educação como transformação é acreditar que a instituição se estende para além de seus muros, que convive com o outro muito além do presente, que se mostra imensa e inteiramente revolucionária. E foi a escola para onde escolhi voltar, ou de onde jamais saí, visto que o processo educacional jamais cessa, e como alunos nos reconhecemos constantemente.

Mediante o pensamento de Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p.374), friso que esta pesquisa (auto)biográfica não busca uma “verdade”, mas sim, dar forma e sentido às minhas experiências, construindo a consciência histórica de si, segundo os processos de biografização. E buscando, assim, dar sentido à vida, a si mesmo e à própria escrita (Ibid., p, 381). No próximo capítulo, portanto, tratarei da viagem à aldeia São Miguel, em Baía da Traição/PB, e o desenrolar do projeto de formação educacional do povo indígena Potiguara.

## CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO DOS INDÍGENAS POTIGUARA NA ALDEIA SÃO MIGUEL: ENCONTROS, JOGOS E EDUCAÇÃO

### Ingressão no PET - Educação e projetos

A minha ingressão no PET Educação – Conexão de Saberes ocorreu no ano de 2021, embora corriqueiramente eu ouvisse menções ao programa desde os primeiros anos de graduação, e como ele se distinguia dos demais dentro da academia pelo seu escopo voltado ao indigenismo. A seleção para novos petianos sucedeu no fim do primeiro semestre do referido ano, e ingressei como bolsista pelo curso de História. Então sob tutoria da já mencionada Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário, o PET mesclava três temas basilares que foram e são de suma importância para os propósitos do programa: educação patrimonial, decolonial e indígena. Acrescento, ainda, a definição de educação patrimonial de Horta, Grunberg e Monteiro:

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira compreendida como múltipla e plural. (1999, p. 6)

Nesse sentido, em 2021, a academia ainda adotava o isolamento social devido a pandemia de Covid-19, com aulas *online* e demais interações feitas apenas na modalidade virtual. Adentrei ao programa diante desse cenário, então, o contato primeiro com o PET foi nas salas de aula virtuais, o que a princípio dificultou a conexão com os outros petianos e com o ritmo dos encontros, com as leituras e as discussões, consequência do ensino à distância e seus problemas. Em contrapartida, não impediu o êxito no desenvolvimento de alguns projetos, como a promoção de um evento internacional, o III Congresso Internacional Mundo Indígenas: Agências, Direitos, Patrimônio e História Ambiental no Passado e no Presente dos Povos Indígenas da América (COIMI), com a organização de diversos simpósios temáticos, minicursos, mesas redondas e conferências, contando, ademais, com a presença de renomados estudiosos e acadêmicos brasileiros e estrangeiros, ocorrido entre os dias 02 a 05 de novembro de 2021, realizado totalmente de forma *online*.

Ainda em vista do período pandêmico, muitos dos planejamentos do PET foram adiados, mas em 2022, Juciene Apolinário informou sobre o projeto para o corrente ano que

seria focado no Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial e, ademais, na formação educacional em escolas indígenas Potiguara que ocorreria em Baía da Traição/PB. Iniciamos, sob sua orientação, um estudo acurado sobre o povo, a cultura, a história e a ancestralidade Potiguara, dimensionados no âmbito da educação patrimonial e cultural. Foram meses de leituras, apresentações, encontros, organização e preparação para a execução do evento. Com data definida para 07, 08 e 09 de outubro de 2022, a proposta era de que deveríamos criar e confeccionar jogos e/ou atividades lúdicas a partir das leituras que havíamos discutido, e que tivessem como temática principal, claramente, o mundo Potiguara.

No entanto, para entender como sucedeu a viagem, é necessário compreender antes quais foram as motivações para a criação dos jogos e atividades tal qual foram feitos, como foi o processo de desenvolvimento e a sua relevância nesse contexto.

### **Trilhando por “Caminhos Potiguara”**

É relevante abordar *a priori* a longa trajetória de luta e resistência dos povos originários em prol da educação intercultural, bilíngue e diferenciada, um dos direitos fundamentais conquistados somente com o advento da CF de 1988<sup>2</sup>, que reconheceu a sociedade brasileira enquanto sociedade pluriétnica, e garante que se multipliquem as formas de educar e aprender. Visando dialogar com esses saberes, os indígenas passam a escrever e ser protagonistas de suas próprias histórias, rompendo com o etnocentrismo, com a noção de incapacidade civil, de tutela, de integracionismo, e enfrentando os desafios da educação intercultural, conquistando cada vez mais espaço nos meios político, social e educacional. Portanto, a educação diferenciada e tudo o que dela provém, foi o ponto inicial para a construção do nosso trabalho no PET.

A partir dessa nova perspectiva, podemos entender os povos indígenas em sua diversidade, e não pelo antigo olhar do colonizador; preservando, pois, suas multiculturalidades e afastando-se cada vez dos inoportunos fantasmas do passado. Os Potiguara, nesse sentido, se destacam historicamente pela resistência e permanência contra as forças colonizadoras, é um povo que habita o mesmo local – o litoral paraibano – desde a invasão do homem branco ao território brasileiro, no século XVI. Como destaca Matheus Blach (2017, p. 31):

---

<sup>2</sup> Segundo o Conselheiro Gersem Luciano (op. cit., p. 5), foi a CF de 1988 que revolucionou os rumos da política indigenista, fruto das mobilizações e organizações indígenas que, finalmente, encontraram amparo na legislação brasileira, tendo reconhecido, teórica e legalmente, suas culturas, sociedades, línguas, tradições e crenças.

Apesar de todos os elementos de rupturas e discontinuidades provocados pelo contato com o colonizador, a cultura e a identidade potiguara resistiram e se adaptaram de tal forma que, atualmente, eles ainda se identificam como indígenas Potiguara.

O contato com o colonizador desde os primórdios da colonização culminou na adaptação e transformação do povo Potiguara, que teve 99% de sua população dizimada, restando hoje em torno 19 mil indígenas vivendo entre as aldeias e as cidades de Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto (CARDOSO e GUIMARÃES, 2012, p. 15). A árdua resistência desse povo garantiu a sobrevivência dos que hoje reivindicam seus direitos enquanto indígenas, que buscam “reaprender” a língua Tupi e “reavivar” os antigos costumes e ritos. A história Potiguara é definida, então, a partir da *permanência* em um território, da *adaptação* que garantiu a sobrevivência do povo, e do processo de *recuperação* da cultura, da língua, da arte, da ancestralidade, da cosmologia, dos antigos saberes.

É reconhecendo a importância da história Potiguara, que buscamos criar jogos que conseguissem abranger tais temáticas e cooperassem em favor da preservação do rico conhecimento ancestral, fomentando a aprendizagem do alunado. Ao todo, seis jogos foram desenvolvidos: um jogo da memória, um caça-palavras, um dominó personalizado, um tabuleiro, uma oficina de leitura e jogos digitais; conquanto, irei me ater apenas ao tabuleiro, que foi pessoalmente desenvolvido por mim e por meu colega e também petiano Magdiel Toscano de Azevedo.

Os jogos são importantes recursos para o desenvolvimento do alunado, enriquecem o processo educativo com novas experiências, sensibilidades, descobertas e invenções, e foram estes os pontos essenciais para o projeto do tabuleiro “Caminhos Potiguara”. O jogo tem por tema central o patrimônio cultural imaterial, especificamente, a cosmologia Potiguara, que foi escolhida para a história central do tabuleiro, tendo em vista a diversidade de seres encantados e sua forte conexão com a natureza e o meio; histórias que habitam corriqueiramente o imaginário popular dos Potiguara. Foi utilizado para a estruturação do tabuleiro o texto de Maria Batista, Fátima Conceição e Pedro Pereira, “Cosmologia e Espiritualidade Potiguara” (2021), o qual foi discutido durante os encontros do PET. Ademais, “Índios na Visão dos Índios: Potiguara” (2011), “Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba” (2012) e “Histórias Ancestrais do Povo Potiguara” (2019) foram também usados como textos complementares e contribuíram imensamente para a feitura do jogo, no que se refere a cosmologia e também a geografia.

Dessa forma, é necessário explicar como funciona “Caminhos Potiguara”. É um jogo de tabuleiro de corrida tradicional com o auxílio de um dado e alguns peões, dividido em 50 casas que abrangem quatro regiões principais: aldeia, mata, manguezal e praia. Ambientes os quais foram escolhidos mediante a típica vegetação da região litorânea da Paraíba, com o objetivo de tornar mais didática e objetiva a presença do(a) jogador(a) no tabuleiro e identificar os encantados em cada um desses locais. Compreendendo a dinâmica em sala de aula, foi preciso criar, além da estrutura do jogo, uma história que pudesse corresponder com o que pretendíamos *a priori*: restaram cerca de 3 a 5 crianças (os jogadores) na aldeia que precisam se apressar para a cerimônia do toré na praia, precisando atravessar todo o tabuleiro e encontrando seres encantados, armadilhas, atalhos, etc. Utilizamos do toré, especialmente, para realçar a importância desse ritual na cultura Potiguara, visto que:

[...] permite exibir todos os atores presentes na situação interétnica (regionais, indigenistas e dos próprios índios) e os sinais diacríticos de uma indianidade (Oliveira, 2016). Esse ritual se constitui como o principal patrimônio dos povos indígenas do Nordeste (Nascimento; Barcellos, 2012). (MEDEIROS et. al., 2020, p. 1091)

Destarte, todos os jogadores, sob auxílio do docente, começam no “INÍCIO” e vence o primeiro a ultrapassar os desafios e alcançar a “CHEGADA”. Para ilustrar, segue o corpo do tabuleiro:

**Figura 7** - Tabuleiro “Caminhos Potiguara”



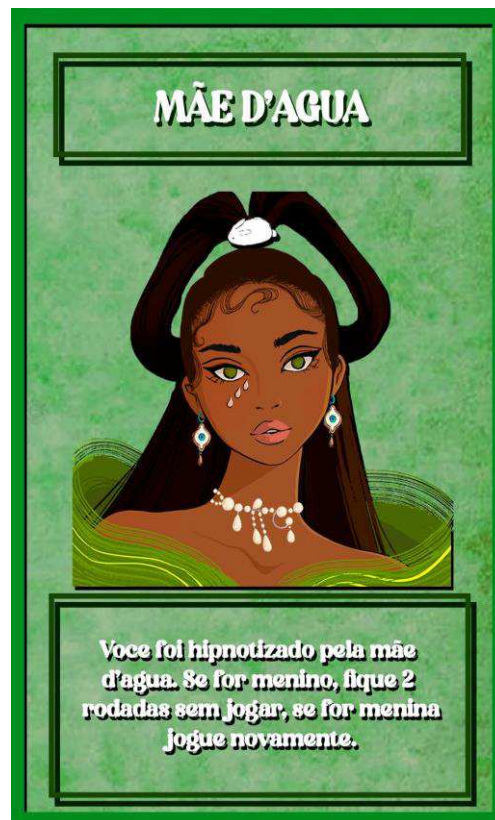
Fonte: acervo pessoal da autora

Além da estrutura acima, o tabuleiro acompanha um sistema de cartas que foi elaborado para auxiliar durante a experiência do jogo, foi dividido entre cartas verdes e laranjas, tendo casas em cor correspondente no trajeto, como ilustrado na Figura 7. As cartas verdes têm efeitos próprios da região onde se encontra o(a) jogador(a), por exemplo, na mata

pode-se avistar a Mãe D'Água/Yara (Figura 8) ou a Comadre Florzinha, no mangue vê-se o Pai do Mangue, ou ainda, já no fim do percurso, na praia, ter a chance de deparar-se com um Lobisomem.

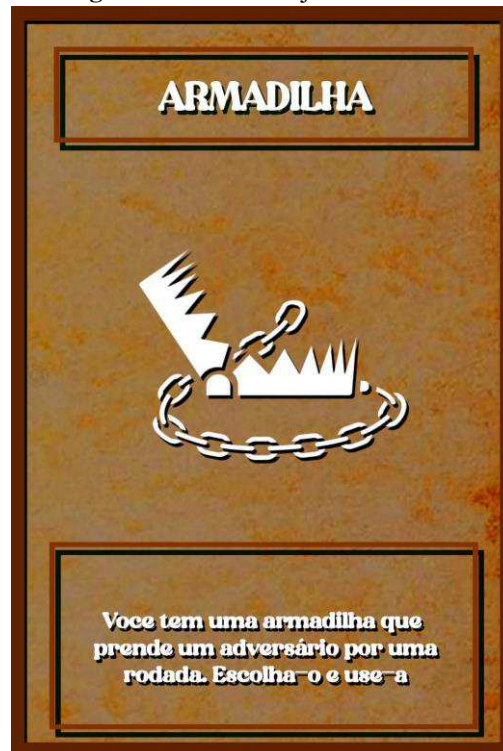
Todas as cartas seguem o mesmo padrão, com a inscrição grande acima identificando o encantado, a ilustração ao centro e o texto na parte inferior designando o seu efeito. As cartas laranjas, portanto, são cartas coringas que contribuem para a jogabilidade, exemplificado na Figura 9; como, por exemplo: jogar os dados com os demais jogadores, retornar casas ou reverter posições. É relevante pontuar que todas as ilustrações – cartas e tabuleiro – foram pensadas conjuntamente, mas desenhadas por Magdiel Azevedo. Abaixo, exemplos de cartas verdes e laranjas:

**Figura 8** - Carta verde “Mãe D’Água”



Fonte: acervo pessoal da autora

**Figura 9** - Carta laranja “Armadilha”



Fonte: acervo pessoal da autora

Destarte, as cartas vão guiando o(a) jogador(a) ao longo do percurso, mas para fins de complementação, foram desenvolvidas também cartilhas para explicar a configuração do tabuleiro e sua história, uma para os discentes com linguagem amena para apresentar o tabuleiro; uma para os professores, identificando as temáticas possíveis para trabalhar a partir de “Caminhos Potiguara”; e outra para definir as casas amarelas, que também possuem ações complementares para a jogabilidade, como encontrar o caminho certo, avançar casas, poluir o rio, se perder na mata, etc. Portanto, “Caminhos Potiguara” foi desenvolvido pensando também no trabalho pedagógico com jogos, que:

[...] é importante porque proporciona desenvolvimento da autoestima, interação (professor-aluno, aluno-aluno e aluno comunidade), desenvolvimento das competências cognitivas, autorreflexão, desenvolve a autonomia, a criatividade, auto avaliação, concentração, limites, respeito, antecipação, incorpora valores, aumenta a capacidade de realização, amplia o raciocínio lógico, coordenação motora, desenvolve a organização espacial e o espírito de cooperação (convívio social), aumenta a atenção e concentração. (FRANCO et. al., 2018, n.p.)

Embora seja um jogo competitivo, a finalidade primordial é, de fato, assimilar a importância dos seres encantados, visando o espaço geográfico e a importância das cerimônias, reiterando sempre o rico patrimônio imaterial cultural e natural Potiguara, auxiliando no desenvolvimento do alunado e proporcionando encontros em sala de aula. Para

tanto, o jogo tem a presença de seis seres encantados dispersos ao longo do caminho, o Gritador na aldeia, a já citada Mãe D'Água/Yara e o Boto nos rios, a Comadre Florzinha na mata, o Pai do Mangue no manguezal e o Lobisomem na praia. Demarcando bem as regiões, o objetivo também é representar nos encantados as relações dos indígenas com a natureza. Pode-se trabalhar a partir de “Caminhos Potiguara” cultura, ancestralidade, identidade, geografia, patrimônio, imaginário, etc. Dessa forma, o uso do tabuleiro pode, amplamente, se diversificar e adaptar às necessidades do professor e às exigências da matéria. Fomos, então, com essa proposta à Baía da Traição/PB.

### **A viagem à Aldeia São Miguel: patrimônio, experiências e aprendizagem**

Após o desenvolvimento e confecção dos jogos, planejamento e esquematização das apresentações e organização do material, na presente data do dia 07 de outubro de 2022, nós do grupo PET - Educação, juntamente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica, viajamos de ônibus provido pela UFCG até Baía da Traição, dando início ao projeto encabeçado pelo PET – Educação, um curso de dois dias para a formação do povo Potiguara, com atividades formativas e colaborativas, com o apoio da Organização dos Professores Indígenas Potiguara (OPIP) MPT/GT, Povos Originários e Comunidades Tradicionais/Projeto AWURÉ. Percorremos pouco mais de 190km até a Escola Municipal Ensino Fundamental Paulo Eufrásio Rodrigues na Aldeia São Miguel, escola indígena em frente às históricas ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo, importante edifício que, nas palavras do povo da região, é a “Identidade que se esconde na fé e devoção dos Potiguara”<sup>3</sup>, também símbolo do catolicismo da colonização portuguesa. Foi nessa escola onde ocorreram as palestras, debates e apresentação dos jogos.

A princípio, não fomos de imediato à aldeia, hospedamo-nos na pousada e restaurante Dunas Potiguara em Coqueirinhos/PB, especialmente reservado pela dona do local para a ocasião, que atenciosamente se dispôs a fechar o estabelecimento por dois dias para abrigar mais de 20 pessoas. É indispensável tratar da recepção e do cuidado do povo Potiguara, que arcaram com as despesas de hospedagem e alimentação durante todos os dias; e ainda mais, poder contar com a boa vizinhança da região, que esteve sempre conversando conosco sobre o local, os conflitos político-econômicos, a opressão constante, a educação, o trabalho, a terra e o ser indígena, enriquecendo ainda mais a experiência da viagem.

---

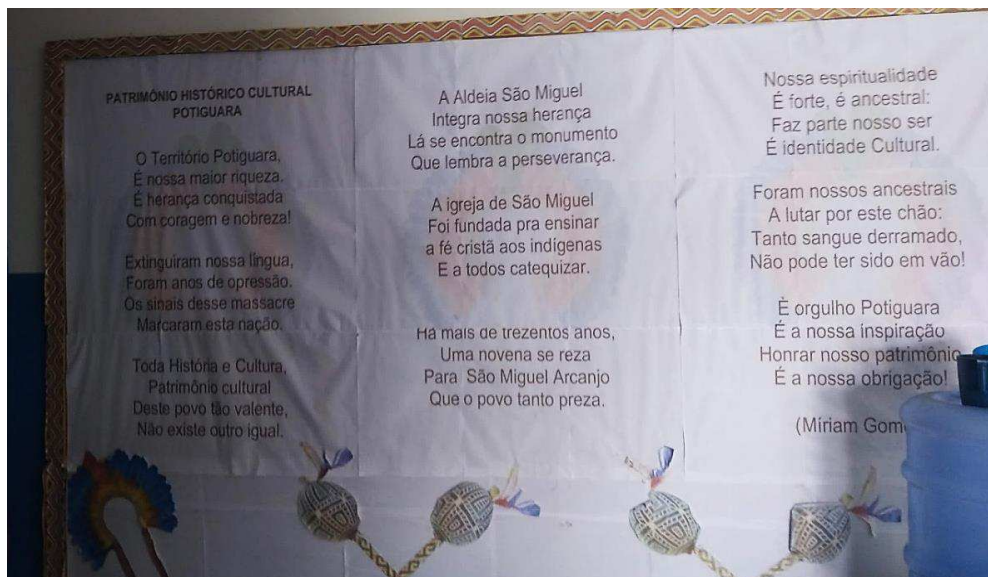
<sup>3</sup> Dizeres estampados em uma das faixas dependuradas no ginásio da escola Paulo Eufrásio Rodrigues.



Seguido à acomodação, fomos finalmente à escola para conhecer o ambiente e o povo Potiguara e dar início ao curso. Novamente, tivemos uma ótima recepção, provamos da culinária local, do beiju, do marisco e do pé-de-moleque enrolado na folha de bananeira. A escola é de fato simples, tem cerca de 5 salas, contando com banheiro e cozinha, abundantemente decorada com poesias da professora e indígena Miriam Leitão, e com as artes dos alunos: cocares, a arte da colmeia e demais artefatos da rica cultura Potiguara (Figuras 11 e 12).

Em frente a escola há um pequeno ginásio onde ocorreu o curso, principiado com a celebração do toré sagrado, com muita musicalidade, dança e espiritualidade banhados em cultura e tradição, tendo também “uma [forte] abordagem político-social-religiosa intra e extra aldeias” (MEDEIROS et. al., op. cit. p. 1093). Seguiu-se com a composição da mesa com a presença de importantes lideranças indígenas, como Sônia Potiguara, homenageada pelo III COIMI citado anteriormente, Míriam Leitão, o pajé Isafas Marculino, dentre outros; também foi composta pela professora Juciene Apolinário e a subprocuradora geral do trabalho Edelamare Melo. Os ouvintes eram em sua maioria professores de escolas indígenas da região, e também de aldeias próximas; contou-se, ainda, com a ilustre presença dos alunos da escola Paulo Eufrásio Rodrigues.

**Figura 10** - Poema da professora Míriam Leitão



Fonte: acervo pessoal da autora

**Figura 11** - Mural com artes dos alunos da escola Paulo Eufrásio Rodrigues



Fonte: acervo pessoal da autora

Abaixo de uma faixa dependurada com os dizeres “Referenciamos os troncos velhos, anciãos que são conhecedores da história e sobretudo, guardiões da tradição do nosso povo”, deu-se início a uma série de discussões sobre a situação indígena no país, a culturalidade Potiguara, a educação e etnohistória, as dificuldades pela posse da terra e a opressão dos que se mantêm em oposição, sobre o respeito pelos que vieram antes e o poder da ancestralidade, dentre tantos outros assuntos. A interseção entre eles foi justamente a importância e bravura da resistência nativa em suas muitas formas, a que perdura hoje em meio a uma política multifacetada, e a que perdurou secularmente desde a colonização.

Após as falas, houve uma pequena grande apresentação teatral dos alunos da escola, que devidamente caracterizados retrataram a multiculturalidade Potiguara, as lutas, a catequização e a violenta invasão do colonizador. Conseguiram transmitir as contradições da colonização ao representar os primeiros contatos do homem branco com os nativos, louvando a cultura Potiguara ao final ao celebrar o toré, cantando e dançando um tanto envergonhados, mas em uma perfeita sincronia. As professoras das crianças ressaltaram a importância do reconhecimento das tradições e como esse estudo faz parte do cotidiano na sala de aula

indígena, o que pude visualizar na presença de várias crianças na primeira celebração do toré; algumas, inclusive, ainda muito pequenas segurando na mão de seus parentes.

**Figura 12** - Celebração do toré pelos alunos da escola Paulo Eufrásio Rodrigues



Fonte: acervo pessoal da autora

O fim do primeiro dia de curso sucedeu tranquilamente, após as discussões e apresentações, tivemos a oportunidade de conhecer melhor o povo e as crianças que ficavam rodeando a escola, e deixo aqui, ademais, o reconhecimento às mulheres que estiveram trabalhando arduamente na cozinha com uma simpatia incomensurável, e que prestaram imenso serviço durante os dias que lá estivemos. Retornamos à pousada para os preparativos finais das apresentações do dia seguinte, a organização dos tabuleiros e a separação das cartas e cartilhas que seriam entregues aos docentes.

O dia 08 resguardou uma das melhores experiências proporcionadas pela universidade que eu poderia ter. Pela manhã, fomos novamente à aldeia São Miguel para o segundo e último dia do curso de formação educacional do povo Potiguara, novamente no ginásio onde estivemos no dia anterior. Iniciou-se com uma palestra da professora Juciene Apolinário salientando as vivências e resistências indígenas em meio ao governo negacionista de então, realçando, ademais, parte do que foi discutido no primeiro dia e fazendo uma ponte com a temática que daria prosseguimento: o uso do lúdico na educação.

**Figura 13** - Palestra da Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário



Fonte: acervo pessoal da autora

Seguidamente, foi entregue aos professores um livreto escrito pelo grupo PET que aborda de forma mais acurada a dinâmica dos jogos, intitulado “Educação Patrimonial e a Educação Escolar Indígena Potiguara: uma contribuição pedagógica”, serve como auxílio teórico durante sua utilização em sala de aula; cada livreto acompanhou um tabuleiro, um dominó e um caça-palavras. Prosseguiu-se com as apresentações em *slide*, com uma abordagem sistemática de cada jogo e suas propostas e possibilidades pedagógicas, que ocorreu satisfatoriamente até o fim da tarde.

Ainda que explicássemos a mecânica dos jogos, somente na prática os docentes puderam ter a experiência real e compreender como eles de fato funcionavam. Portanto, detivemo-nos a destacar, especificamente em nossa apresentação (Figura 15) como foi o processo de desenvolvimento do tabuleiro e os pontos relevantes para sua criação, como não somente o patrimônio cultural imaterial Potiguara, relativo às práticas da vida social, expressões, manifestações e saberes, como crenças, técnicas e rituais, mas também o importante patrimônio natural, que se refere a paisagens, habitats, ecossistemas e demais elementos naturais.

**Figura 14** - Apresentação sobre “Caminhos Potiguara”



Fonte: acervo pessoal da autora

Desse modo, realçamos que “Caminhos Potiguara” expressa a riqueza cosmológica e espiritual dos indígenas Potiguara e pode ser utilizado em favor da aprendizagem do alunado, especialmente na proposta da educação patrimonial. Foi destacado, sobretudo, que o tabuleiro recorre justamente ao lúdico como um meio de ensino-aprendizagem, mas não dispensando a aula expositiva/dialógica, que poderia suceder dentro das temáticas supracitadas, abordando as diversas formas de existir dos encantados, como eles permeiam o cotidiano e imaginário indígenas, e como e por que as narrativas sobre estes seres repassadas pela tradição oral devem ser valorizadas e ressignificadas enquanto marcas da etnicidade.

Após a breve apresentação, seguimos novamente à escola para que os professores jogassem, enfim, “Caminhos Potiguara”. Destarte, os docentes foram divididos em grupos de 3 a 5 pessoas e realocados nas salas de aula, cerca de 20 a 25 professores participaram desse momento (Figura 16). Com o auxílio de petianos em todas as salas, foi reiterado primeiramente como funcionava o jogo e como utilizar as cartas e as cartilhas. Iniciou-se, desse modo, o momento mais divertido do dia, em que todos se mostraram bastante engajados e riram fartamente.

Foi também o momento de tirar dúvidas sobre o tabuleiro e como ele poderia se aplicar na prática docente. Todos puderam jogar e entender de fato o que propusemos com o

jogo e como ele poderia se adequar às necessidades do seu mediador, que poderia livremente, dentro do mundo do tabuleiro, alterar cartas, agregar outros encantados, ressignificar locais e ações, etc. Seguido a esse momento, retornamos ao ginásio novamente para as considerações finais; de modo geral, todos afirmaram que gostaram de “Caminhos Potiguara”, alguns realçaram como o jogo lhes iria servir em sala de aula, e outros acrescentaram com críticas construtivas para engrandecer o projeto, por exemplo, adicionar mais contos e encantados ao tabuleiro.

**Figura 15** - “Caminhos Potiguara” na prática



Fonte: acervo pessoal da autora

Ao final do curso e após as devidas formalidades, foi celebrado mais uma vez o toré, contudo, fomos nós também convidados a participar<sup>4</sup> (Figura 17). Foi um momento especial e inesquecível, em que pudemos dançar e cantar junto aos Potiguara, e reconhecer e sentir, agora descalços e em contato direto com essa cultura, a vastidão de seu povo, patrimônio e história, que superam qualquer materialidade e conseguem, em poucos minutos e singelamente no exercício dessa tradição, reviver toda uma ancestralidade, e retomar o título de sempre, de povo guerreiro, povo Potiguara.

<sup>4</sup> Para participar do toré, não indígenas têm de ser convidados, visto que é um momento de total integração dos nativos com a Mãe Natureza.

**Figura 16** - Celebração do Toré

Fonte: acervo pessoal da autora

No terceiro e último dia, 09, pudemos conhecer parte do lugar onde estávamos hospedados, em Coqueirinho/PB. Uma viagem de canoa havia sido organizada com dois homens do local como guias, que nos conduziram em um trajeto que durou em torno de 20 minutos. Seguimos pelo manguezal, observados pelos muitos caranguejos à espreita nas raízes das árvores; fomos deixados em um local apropriado para banho por um bom tempo junto ao guia, que nos explicou como funcionava a captura de marisco, seu preparo e importância para a comunidade local.

Durante todo o tempo, o guia que esteve conosco conversou um tanto sobre os costumes do povo da região, sobre o trabalho com a pesca, as marés, a culinária, os animais do mangue, sobre educação e indigenismo, dentre outros, engrandecendo cada vez mais essa experiência. E à tarde retornamos, finalmente, à Campina Grande/PB entre o cansaço e a imensa satisfação.

Em muito nos engrandeceu esse projeto, não somente academicamente, mas como indivíduos que fazem parte de uma sociedade diversa, diferenciada e intercultural. Tanto o curso formal e os diálogos em sala junto aos Potiguara, quanto o próprio passeio acima citado com incríveis experiências naturais, e até as conversas com os moradores de Coqueirinho, evidenciaram a grandeza do povo nativo e como a multiculturalidade se mostra vívida e habita por todos os entremeios, em cada espaço e em cada indivíduo.

A viagem à Baía da Traição, então, perpassou por lugares, fazeres e culturalidades, prosseguindo por vivências, diálogos e muita tradição. Apenas no contato com a cultura

indígena Potiguara, pude reconhecer suas riquezas e sensibilidades verdadeiramente, compreender a história a partir de uma visãoêmica e patrimonial na prática, e reconhecendo, ademais, a importância de um pensar em prol da preservação, não apenas da materialidade, mas de documentos que são diversa e abundantemente vivos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de um relato de experiência nasce da necessidade de falar, e para tanto, de se inserir no texto, rompendo com um passado disciplinar de pesquisadores, e podendo enriquecer o trabalho com experiências transformadoras, oferecendo uma perspectiva mais pessoal e reflexiva. Diante disso, poder reinventar e reinventar-se a partir da própria história, e identificar as diversas relações com a educação por anos a fio; por isso, o longo percurso autoral, que tem início na tenra idade e caminha até a experiência a partir do pensar e da prática docente.

Compartilhando vivências, saberes e diálogos, pode-se construir, através de si mesmo, uma história que tem característica singular, mas contraditoriamente, múltipla, capaz de multiplicar vontades apenas na ação de (re)descobrir e analisar o passado e as propriedades revolucionárias tão próprias da educação. Em diversos períodos de minha vida, identifiquei as muitas formas de ser aluno e ser professor, de pensar a pedagogia e o indivíduo; reconheci, sobretudo, o que não sabia.

Após a experiência proporcionada pelo PET – Educação Conexão de Saberes e o importante trabalho que vem sendo realizado com os indígenas Potiguara, não poderia deixar de destinar este trabalho a relatar também o projeto de formação educacional do povo Potiguara na Aldeia São Miguel, Baía da Traição/PB. Encontros, diálogos e vivências que em muito nos transformaram enquanto acadêmicos, professores e indivíduos. Estar em contato com a cultura indígena é também um momento de reflexão e aprendizagem, que nos faz ter um novo olhar para o povo nativo e, especialmente, para o povo Potiguara, que historicamente esteve resistindo, reconstruindo e ressignificando sua própria etnicidade.

Nesse sentido, o percurso indígena no Brasil, que começa muito antes de 1500, se desdobra em sabedoria e história; o marco de resistências dos povos nativos representa sua força ao longo do tempo contra a(s) força(s) opressora(s). E o povo guerreiro Potiguara, em sua bravura, se reafirma enquanto indígena, celebra sua cultura, recupera sua memória, vive, então, a experiência de mundo a partir de sua perspectiva, do olhar Potiguara.

O trabalho que realizamos durante o ano de 2022 foi imprescindível para o debate e valorização da cultura Potiguara, tendo em vista a necessidade de trabalhar o patrimônio cultural em sala de aula. Por conseguinte, as propostas de atividades lúdicas para os professores indígenas utilizarem em sala de aula fazem parte também do processo de quebra

com a educação bancária e, sobretudo, do reconhecimento da importância do Patrimônio Cultural material e imaterial. A proposta de “Caminhos Potiguara” sugere justamente a abordagem desses três temas que se correlacionam: cultura, espiritualidade e natureza. Uma alternativa pedagógica que pode se adequar livremente ao que deseja o docente e/ou os estudantes, recorrendo a temáticas que em muito enriquecem a discussão em sala: preservação, identidade, patrimônio.

Poucos dias após nosso regresso a Campina Grande/PB, fomos comunicados que os professores Potiguara já estavam utilizando o jogo de tabuleiro em suas aulas, o que nos deixou imensamente satisfeitos não só pela realização do projeto, mas por toda dedicação que dirigimos ao desenvolvimento dos jogos, e reconhecer que o trabalho foi também bem recebido. Esteve essa experiência envolta em encontros e em memórias. Esse tipo de prática se desdobra, pois, em ramificações que se transformam e multiplicam abundantemente, em busca de deformações (ALBUQUERQUE JÚNIOR, id).

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Por um ensino que deforme:** o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. 1ed.Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.
- BATISTA, Maria Nilda; CONCEIÇÃO, Fátima Maria; PEREIRA, Pedro Eduardo. **Cosmologia e Espiritualidade Potiguara.** Paulo Afonso, BA: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH, 2021.
- BLACH, Matheus Cássio. **Patrimônio Cultural, Templo e Ruína:** A Igreja de São Miguel Arcanjo e os Potiguara de Baía da Traição, PB. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 97, 2017.
- CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro (orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba.** Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGA, 2012.
- FRANCO, Magda Aparecida De Oliveira et al.. **Jogos como Ferramenta para Favorecer a Aprendizagem.** Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47704>>. Acesso em: 15/12/2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
- GALLO, S. . **Em torno de uma educação menor.** Educação e Realidade , Porto Alegre, v. 27, n.02, p. 169-178, 2002.
- GALLO, S. **Eu, o outro e tantos outros:** educação, alteridade e filosofia da diferença. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO, Diálogos sobre Diálogos, 2., Rio de Janeiro, 2008. Anais..., Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia de educação patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Cenário Contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil.** Ministério da Educação, Brasília, 2007.
- MEDEIROS, Nilma Maria P. de F. C. De; et. al. **O sagrado indígena Tabajara e Potiguara:** uma compreensão primeira do saber ambiental em território paraibano. Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade. vol. 7, n. 17, p. 1087-1100, 2020.
- PASSEGGI, M. C. ; SOUZA, E. C. ; VICENTINI, P. P. . **Entre a vida e a formação:** pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista (UFMG. Impresso) , v. 27, p. 369-386, 2011.

SOUZA, ELIZEU CLEMENTINO DE. **Investigación (auto)biográfica como acontecimiento: diálogos epistémico-metodológicos.** Márgenes, v. 1, p. 16-33, 2020.